

## OS RELATOS DAS ALUNAS DE PEDAGOGIA QUE CONCILIAM LICENCIATURA, PIBID E MATERNIDADE: EM BUSCA DE UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA A VIDA

Mariana Chagas Braz<sup>1</sup>  
Barbara Hemilli De Oliveira Vieira<sup>2</sup>  
Fabiana Da Silva Kauark<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta os relatos de alunas do curso de Pedagogia do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vila Velha, que participam do Programa PIBID e enfrentam a complexa tarefa de conciliar estudo, pesquisa e cuidado em uma jornada tripla exaustiva. A experiência da maternidade, embora profundamente enriquecedora para a práxis pedagógica e para a construção de um olhar sensível às demandas da sala de aula, constitui também um desafio à própria trajetória acadêmica. O objetivo deste estudo é que essas alunas sejam ouvidas em seu lugar de fala, promovendo maior visibilidade de suas experiências, fomentando a troca de saberes e contribuindo para o fortalecimento de sua autoestima. A partir de uma perspectiva feminista, o artigo dialoga com os conceitos de trabalho de cuidado não remunerado de Silvia Federici, evidenciando como a maternidade e os cuidados associados permanecem invisibilizados nas instituições educacionais, mesmo sendo fundamentais para a formação de educadoras comprometidas com uma prática crítica. Além disso, o estudo se ancora nos princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire, compreendendo a experiência das alunas-mães como uma fonte de saber que tensiona e enriquece o espaço acadêmico, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de políticas institucionais e práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem essas múltiplas dimensões da vida estudantil. A análise permite compreender a maternidade não apenas como experiência pessoal, mas como elemento político e pedagógico que atravessa a formação docente, desafiando a universidade a repensar suas estruturas e práticas para promover maior equidade, inclusão e valorização das experiências de mulheres-mães no ambiente acadêmico.

**Palavras-chave:** Formação Docente, Maternidade, Lugar De Fala, Resistência.

### INTRODUÇÃO

O trabalho não remunerado das mulheres, especialmente o cuidado materno, constitui a base da reprodução da força de trabalho e da própria economia capitalista. Silvia Federici, em *Calibã e a bruxa* (2017), evidencia que atividades como cozinhar, limpar e criar filhos, historicamente atribuídas às mulheres, são naturalizadas como expressões de amor ou vocação

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, [anamariflor@gmail.com](mailto:anamariflor@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de **Pedagogia** do Instituto Federal do Espírito Santo- IFES, [barbarahemilli@gmail.com](mailto:barbarahemilli@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da educação pela UAA, Revalidada pela Universidade Federal de Uberlândia- UFU, [fabianak@ifes.edu.br](mailto:fabianak@ifes.edu.br);





feminina, quando, na realidade, constituem trabalho material, essencial e invisibilizado, cuja apropriação sustenta tanto a vida social quanto o próprio sistema capitalista (FEDERICI, 2017).

O cuidado materno envolve esforço físico, emocional e cognitivo constante. Estudos recentes indicam que mães estudantes ou trabalhadoras que acumulam responsabilidades acadêmicas, profissionais e domésticas enfrentam jornadas triplas que comprometem sua saúde, bem-estar e desempenho acadêmico (SANCHES; ALONSO; VECCHIA, 2025). Essa sobrecarga não se restringe apenas à gestão do tempo: exige habilidades complexas de organização, paciência, empatia e resolução de conflitos, que são socialmente invisibilizadas, mas requisitadas pelas instituições acadêmicas.

Historicamente, o capitalismo estruturou-se sobre a exploração de trabalhos não remunerados, especialmente o doméstico e o de cuidado. O desenvolvimento das universidades e programas de formação docente não rompeu com essa lógica; ao contrário, a academia se apropria das habilidades maternas — paciência, dedicação, capacidade de ensinar e organizar — sem reconhecer formalmente esses esforços. Há uma contradição fundamental: o cuidado materno é socialmente essencial e requisitado, mas permanece invisível e subvalorizado dentro da prática institucional.

Programas de iniciação à docência, como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), exemplificam essa tensão. Apesar de apresentarem poucas horas presenciais, as exigências de relatórios, planejamentos e participação em atividades não presenciais não consideram a realidade de mães acadêmicas, reforçando a sobrecarga e a lógica de exploração da jornada tripla. Por outro lado, iniciativas como a Cuidoteca do IFES oferecem formas concretas de apoio ao cuidado infantil dentro do campus, revelando possibilidades de valorização institucional do cuidado materno, mas que do mesmo modo, necessitam de ampliação para que funcionem plenamente em seus objetivos.

Além do contexto institucional, o cuidado materno possui dimensão política e ética: ele é trabalho, resistência e prática de amor. Segundo Federici, o que é socialmente chamado de “amor” não é apenas sentimento, mas trabalho estruturalmente necessário, invisibilizado e apropriado pelo sistema. Ao mesmo tempo, Paulo Freire (1996; 1997) ressalta que a educação envolve atenção, empatia e cuidado — competências muitas vezes subestimadas, mas essenciais para relações pedagógicas transformadoras. A tensão entre discurso de inclusão e prática excludente evidencia a necessidade de análise crítica da exploração do cuidado na academia, considerando o impacto real sobre mães e estudantes de jornada tripla.





Este artigo se propõe a analisar essas contradições, combinando referencial teórico feminista e freireano com relatos de alunas mães do IFES e participantes do programa PIBID. Busca-se compreender como a academia se apropria do trabalho de cuidado materno, quais são as sobrecargas enfrentadas, e quais iniciativas institucionais — como PIBID e Cuidoteca — representam possibilidades de resistência e valorização do cuidado materno. A análise evidencia, portanto, não apenas o problema, mas também caminhos de transformação e práticas educativas mais justas.

## **METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise de experiências de mães acadêmicas participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculadas ao IFES, campus Vila Velha. Todas as participantes estão atualmente cursando o 4º período de Licenciatura em Pedagogia. O objetivo do trabalho foi compreender como a maternidade, o cuidado e as responsabilidades familiares se articulam com a vida acadêmica e as exigências institucionais, bem como identificar estratégias de resistência e práticas de valorização do cuidado.

Foram identificadas cinco mães participantes do PIBID neste ano de 2025. Dessas, quatro aceitaram participar do estudo:

No relato 1, uma mãe de 1 filha na educação infantil, no relato 2, uma mãe de um filho no ensino fundamental e outro filho nos anos finais do ensino fundamental, no relato 3, uma aluna grávida, em gestação avançada durante a coleta. Uma aluna não forneceu relato, mas seu perfil foi considerado no contexto da análise e também a autora deste artigo, também participante e mãe, cuja experiência é incorporada como relato próprio que produziu todo o artigo, oferecendo perspectiva reflexiva e crítica a partir da vivência cotidiana.

Essa composição permitiu contemplar diferentes situações de maternidade no contexto acadêmico, incluindo gestação e cuidado de filhos pequenos, garantindo diversidade e profundidade na análise das experiências.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Silvia Federeici e o trabalho não remunerado**





Silvia Federici, em *Calibã e a bruxa* (2017), apresenta uma análise histórica e política do trabalho feminino não remunerado, mostrando como o capitalismo moderno se estruturou sobre a exploração do trabalho doméstico e de cuidado. Segundo Federici, atividades como cozinhar, limpar e criar filhos não foram apenas naturalizadas como “dever feminino”, mas também mascaradas como expressão de amor ou vocação. O que parece ser um ato de cuidado e dedicação é, na verdade, trabalho estruturalmente necessário, invisível e apropriado pelo sistema econômico.

Federici destaca que essa apropriação não é apenas simbólica. O trabalho de reprodução da vida, historicamente atribuído às mulheres, sustenta a força de trabalho, garantindo a continuidade da economia sem custos diretos para o capital. Ela afirma: que o trabalho que mantinha a vida, as crianças, os idosos, os doentes, era considerado “amor”.

Ou seja, o amor é trabalho disfarçado de sentimento, essencial para a reprodução social, mas não contabilizado economicamente. Essa lógica evidencia que o que chamamos de cuidado materno é simultaneamente afetivo, pedagógico e produtivo, e que sua invisibilidade permite que o sistema explore as mulheres sem reconhecimento ou compensação.

Além disso, Federici explica que o desenvolvimento do capitalismo exigiu a transformação do corpo feminino em espaço de disciplina e controle, reforçando o papel da mulher como responsável pela reprodução da vida e da força de trabalho, enquanto seu esforço não recebia qualquer remuneração formal. O que é relevante para a academia contemporânea é que essa apropriação histórica persiste, embora de forma simbólica: competências maternas — paciência, organização, empatia — são exigidas e valorizadas nas práticas pedagógicas, mas não são reconhecidas nem compensadas institucionalmente.

### **Paulo Freire e a pedagogia como ciência do cuidado**

Paulo Freire (1996; 1997) concebe a educação como uma prática de liberdade, fundamentada no conhecimento do cotidiano e da realidade das pessoas. Ensinar não é apenas transmitir conteúdos: é compreender o mundo do outro, dialogar com suas experiências e criar condições de aprendizado significativo. Nesse sentido, a vivência materna oferece uma aproximação natural com a pedagogia freireana: mães desenvolvem habilidades de observação, comunicação, organização e mediação que se traduzem diretamente em competência pedagógica.

A experiência de cuidar e educar crianças no dia a dia aproxima as mães de uma prática de ensino integral. Elas compreendem o universo infantil, suas necessidades, ritmos,





interesses e formas de expressão, habilidades centrais para a construção de uma educação crítica e participativa, conforme propõe Freire. O cuidado materno, portanto, não é apenas afetivo, mas epistemológico: é uma forma de conhecimento vivo sobre aprendizagem, desenvolvimento e relações humanas: ensinar exige sensibilidade, escuta e responsabilidade ética com a experiência do outro (FREIRE, 1996).

Dessa forma, a maternidade e a prática pedagógica não estão separadas: a primeira potencializa a segunda, oferecendo às mães uma compreensão profunda da educação como ciência aplicada à vida cotidiana. Ao valorizar essas competências, a universidade poderia reconhecer formalmente o capital pedagógico que a maternidade proporciona, superando a apropriação simbólica do cuidado e promovendo práticas educativas mais justas e inclusivas.

### **Intersecção entre trabalho materno, academia e jornadas triplas**

A literatura contemporânea sobre gênero e educação (OLIVEIRA; ALENCAR; ALVEVS, 2025; SANCHES; ALONSO; VECCHIA, 2025) evidencia que mulheres em universidades enfrentam jornadas triplas: trabalho acadêmico, trabalho profissional e cuidado materno. Essa sobreposição gera carga emocional e física significativa, muitas vezes ignorada pelas instituições, que operam sob lógica produtivista e meritocrática, sem considerar desigualdades de gênero.

O PIBID, por exemplo, embora tenha poucas horas presenciais, exige relatórios, planejamento e atividades não presenciais, não contemplando as responsabilidades familiares das alunas mães. Assim, reproduz a lógica de exploração do cuidado materno identificada por Federici, mas no contexto acadêmico contemporâneo.

Além disso, pesquisas apontam que a falta de políticas institucionais de apoio — como horários flexíveis, creches ou programas de cuidado infantil — aumenta a sobrecarga e a sensação de insuficiência entre mães acadêmicas. Essa situação cria um paradoxo: a academia prega inclusão e valorização da diversidade, mas não reconhece nem valoriza efetivamente o trabalho de cuidado, mantendo a invisibilidade histórica das práticas maternas.

### **Cuidoteca e reconhecimento institucional do cuidado**

Iniciativas como a Cuidoteca do IFES representam uma ruptura parcial com essa lógica de exploração. Ao oferecer espaço seguro para o cuidado infantil dentro da universidade, a Cuidoteca permite que mães acadêmicas participem de atividades





educacionais sem abdicar da responsabilidade materna. Além de reduzir sobrecarga, o espaço reconhece o cuidado como valor institucional, uma prática concreta de apoio à jornada tripla.

O diálogo entre Federici e Freire é fundamental aqui: o cuidado é simultaneamente trabalho necessário, prática pedagógica e resistência social. Programas como a Cuidoteca não apenas oferecem suporte, mas também validam as competências maternas, tornando visível o trabalho historicamente invisibilizado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos relatos evidencia que as mães acadêmicas enfrentam uma sobreposição constante de responsabilidades: trabalho doméstico, cuidado infantil e atividades acadêmicas, configurando a chamada “jornada tripla”. Essa sobrecarga não se restringe ao gerenciamento do tempo, mas envolve esforços físicos, emocionais e cognitivos, impactando a saúde, o desempenho e o bem-estar das participantes.

As alunas relataram a sensação de insuficiência diante das exigências institucionais, especialmente dentro do PIBID, evidenciando uma contradição entre discurso inclusivo e prática excludente. A experiência cotidiana demonstra que, mesmo com poucas horas presenciais, o programa mantém grande demanda de relatórios, planejamentos e atividades não presenciais, não levando em consideração o cuidado materno, que é historicamente invisibilizado e apropriado simbolicamente, conforme aponta Federici (2017).

### Relatos das alunas

#### Relato 1

A participante descreve uma rotina exaustiva que envolve acordar cedo, cuidar da filha, conciliar estudo e atividades do PIBID, além de manter responsabilidades domésticas. Destaca:

“Minha rotina inicia-se antes das seis da manhã, quando preparo e levo minha filha à escola, seguindo para a faculdade e retornando antes do término das aulas para buscá-la na creche... Embora a rotina seja exaustiva e exija constante adaptação para equilibrar as funções de mãe, estudante, bolsista, esposa e dona de casa, sigo convicta de que o esforço empreendido contribuirá para a concretização de meus objetivos e para a construção de um futuro melhor para mim e para minha família.”







Este relato evidencia o impacto físico e emocional da jornada tripla, a necessidade de reorganização familiar e financeira e a busca constante por equilíbrio entre responsabilidades. Apesar da sobrecarga, a participante reconhece a importância pedagógica da experiência materna, ressaltando o papel de exemplo para a filha e a valorização da educação.

## Relato 2

A participante enfatiza os desafios relacionados a imprevistos na saúde dos filhos e os impactos dessas situações sobre a participação no PIBID:

“A principal dificuldade encontrada reside na gestão de imprevistos relacionados à saúde dos filhos. Quando um filho adoece e necessita de cuidados intensivos, isso inevitavelmente gera um conflito de agenda que me impossibilita de comparecer às atividades programadas do PIBID... Este cenário exige uma gestão de tempo extremamente rigorosa e, muitas vezes, a necessidade de reorganizar tarefas ou buscar alternativas de compensação, o que pode gerar um estresse adicional.”

Ela também destaca os benefícios da maternidade para sua formação docente: vivência prática com crianças, desenvolvimento de habilidades de liderança e cuidado, e empatia aumentada com alunos e famílias. Esse relato mostra que, embora a maternidade represente desafios logísticos, ela fornece ferramentas emocionais e práticas que fortalecem a atuação pedagógica, alinhando-se aos princípios de Freire sobre educação situada no cotidiano e aprendizagem significativa.

## Relato 3

A participante, grávida durante o período de observação, relata dificuldades com deslocamentos, cansaço físico e limitação de participação, mas também reconhece evolução no aprendizado:

“A dificuldade mesmo... era o acesso de chegar até a escola... às vezes passava muito mal, às vezes não conseguia... Eu evolui também... No PIBID... às vezes que eu fico meio perdida... no caso, o meu mal está por causa da gravidez.”

Este relato evidencia que condições físicas e logísticas impactam a participação, mostrando que a jornada tripla não se limita a mães com filhos já nascidos, mas também envolve gestantes. Apesar das limitações, a experiência proporciona aprendizado,





demonstrando que o contexto da maternidade contribui para a compreensão do ambiente escolar e para a prática pedagógica, mesmo em condições adversas.

### **Crítica ao PIBID e à academia**

Os relatos indicam que o PIBID, embora flexível e com poucas horas presenciais, não considera integralmente a realidade das mães acadêmicas. A exigência de relatórios, deslocamentos e planejamento mantém a lógica produtivista da academia, que apropria-se das competências maternas sem reconhecimento formal.

Essa situação reproduz a exploração histórica do cuidado materno, descrita por Federici, em que habilidades essenciais para a docência — paciência, empatia, organização — são requisitadas e valorizadas apenas simbolicamente, sem compensação ou reconhecimento institucional.

Ao mesmo tempo, o programa oferece oportunidades de aprendizado pedagógico significativo, formação prática e integração com escolas, revelando uma dualidade entre benefícios e sobrecarga que deve ser analisada criticamente.

### **Cuidoteca do IFES: apoio e reconhecimento**

A Cuidoteca representa um exemplo positivo de política institucional que reconhece e apoia o cuidado materno. Ao oferecer um espaço seguro para crianças, a Cuidoteca permite que mães acadêmicas participem do PIBID sem abdicar de suas responsabilidades, reduzindo sobrecarga e estresse.

O diálogo entre Federici e Freire se evidencia: o cuidado materno é simultaneamente trabalho necessário, prática pedagógica e resistência social, e a Cuidoteca valida essas competências, promovendo uma participação mais inclusiva e justa.

O problema, contudo, é o atual horário de funcionamento no período noturno que inviabiliza a utilização dos serviços pelas próprias alunas, que estudam no período principal da manhã e realizam suas atividades de iniciação à docência no período da tarde. Espera-se a ampliação desse tipo de serviço para que seus objetivos sejam plenamente alcançados.

### **Reflexão crítica**







Os relatos e a análise mostram que a academia, mesmo quando prega inclusão, muitas vezes não reconhece formalmente a maternidade, criando tensão entre discurso e prática. Mães acadêmicas enfrentam jornadas triplas, apropriação simbólica do cuidado e exigências institucionais que não contemplam suas realidades.

Ao mesmo tempo, programas como o PIBID e iniciativas como a Cuidoteca evidenciam possibilidades de reconhecimento, aprendizado e valorização das competências maternas, apontando caminhos para uma educação mais integral, ética e próxima da realidade das mulheres mães.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia que o trabalho de cuidado materno é simultaneamente afetivo, pedagógico e produtivo, mas permanece invisível e subvalorizado dentro da academia. A análise dos relatos das mães participantes do PIBID revelou que a experiência materna, marcada por uma jornada tripla — cuidado infantil, atividades domésticas e demandas acadêmicas — é essencial para o desenvolvimento de competências pedagógicas significativas, mas frequentemente não recebe reconhecimento formal, reproduzindo a lógica histórica de exploração do trabalho feminino, como apontado por Federici (2017).

Ao mesmo tempo, a experiência das participantes demonstra que as mães possuem um potencial único para a prática pedagógica, alinhado aos princípios freireanos de educação integral, situada no cotidiano e atento às necessidades reais das crianças. A vivência materna proporciona habilidades de observação, empatia, mediação e comunicação, que são apropriadas na academia de forma simbólica, sem valorização formal. Esse paradoxo evidencia a necessidade de reflexão crítica sobre as práticas institucionais e a valorização do cuidado como capital pedagógico.

O PIBID, embora apresente limitações, mostra-se um programa positivo e promissor. Sua estrutura com poucas horas presenciais oferece uma oportunidade de flexibilidade para mães acadêmicas, permitindo que conciliem estudo e cuidado infantil de maneira viável. Apesar da sobrecarga associada às exigências do programa, o PIBID representa uma porta de entrada para experiências pedagógicas significativas, proporcionando formação prática e desenvolvimento de competências docentes de forma estruturada, o que é extremamente relevante no contexto da licenciatura.





Nesse sentido, iniciativas complementares, como a Cuidoteca do IFES, reforçam a importância de políticas institucionais que reconheçam o cuidado materno e ofereçam suporte concreto. Espaços como a Cuidoteca validam a experiência das mães, diminuem a sobrecarga e promovem participação efetiva nas atividades acadêmicas e pedagógicas, alinhando-se às práticas de inclusão e valorização da diversidade que as instituições frequentemente proclamam.

Portanto, este estudo evidencia duas dimensões centrais: a primeira, a necessidade de denunciar a apropriação simbólica do cuidado materno e suas consequências para mulheres de jornada tripla; a segunda, a possibilidade de transformar a experiência materna em capital pedagógico reconhecido, integrando práticas como o PIBID e a Cuidoteca para promover uma educação mais justa, inclusiva e sensível à realidade das mães acadêmicas. Reconhecer e valorizar o cuidado materno não apenas reduz desigualdades de gênero, mas também fortalece a qualidade da formação docente, promovendo uma pedagogia de proximidade, integral e ética, alinhada aos ideais de Freire.

Em síntese, mães acadêmicas não devem apenas ser vistas como beneficiárias de programas de iniciação à docência, mas como detentoras de competências fundamentais para a educação, cuja experiência de vida e cuidado deve ser reconhecida, apoiada e incorporada de forma institucional, promovendo uma prática acadêmica que valorize o trabalho de cuidado como ciência, prática pedagógica e resistência social.

## REFERÊNCIAS

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 3. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

OLIVEIRA, M. A. de C.; ALENCAR, K. de; ALVES, F. de A. F. M. Maternidade e a vida acadêmica: avaliação do contexto educacional das alunas/mães de um curso de licenciatura. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 6, p. e025032, 2025.

SANCHES, Lais Ramos; ALONSO, Amanda Silvério Fernandes; VECCHIA, Marcelo Dalla. Mães universitárias: desafios na conciliação entre maternidade e vida acadêmica. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 26, p. e025005, 2025

